

A “ESTATUETA DE VULCANO”: APROFUNDANDO HISTÓRIAS NÃO REVELADAS DA DEFICIÊNCIA NAS COLEÇÕES DOS MUSEUS

PATRÍCIA ROQUE MARTINS

Instituto de História da Arte / FCSH/ UNL

1. INTRODUÇÃO

O presente capítulo tem como objetivo sublinhar a importância dos museus enquanto espaços fundamentais para comunicar ideias que possam gerar mudanças positivas no significado cultural da deficiência, levando ao desenvolvimento de novas práticas sociais. Irá partir da ideia de que os museus têm o potencial para desenvolver narrativas problematizadoras sobre o tema, nomeadamente, ao redor de questões relacionadas com identidades sociais, discriminação e inclusão. Através do desenvolvimento de exposições interpretativas ou nos modos como estudam, analisam e exploram a existência de referências relativas à deficiência nas suas coleções, sugere-se que os museus são espaços fundamentais para gerar melhores compreensões e reflexões sobre este grupo social. Neste sentido, o aprofundamento de histórias sobre a herança histórico-cultural das pessoas com deficiência será aqui apresentado como sendo a chave conceptual, por excelência, para influir em perspetivas mais justas sobre este grupo, tanto na sociedade atual como num futuro próximo.

1.1. NARRANDO A DEFICIÊNCIA EM MUSEUS

O presente capítulo foi desenvolvido no âmbito do projeto de investigação individual da autora, tendo como título “Narrativas de deficiência: como (não) explorar a alteridade em museus e exposições? Construindo uma visão para melhorar os imaginários culturais em torno das pessoas com deficiência”. Este projeto conta com o apoio financeiro

da Fundação para a Ciência e a Tecnologia do Ministério da Ciência e Ensino Superior de Portugal, procurando analisar e estudar presença da deficiência na história da arte e o modo com tem sido relacionada com a questão da representação da “outro”.

Tal como acontece com outros grupos marginalizados, as histórias da deficiência e as experiências de se viver com uma incapacidade encontram-se muitas vezes ausentes ou escondidas das narrativas dos museus, quer através das exposições que são apresentadas publicamente ou através dos temas que são abordados nas atividades de mediação com os seus públicos. Foi há mais de vinte anos que Majewski e Bunch (1998) defenderam que a acessibilidade plena em museus, não se refere apenas às questões do acesso físico e comunicativo, implicando também o acesso público a exposições relacionadas com temas da deficiência. Também há 20 anos atrás, em 2002, Annie Delin (2002), sugeriu que o lugar da deficiência no nosso passado comum foi enterrado em notas de rodapé, tornando-se ausente da nossa memória pública.

O que mudou desde então? Que transformações têm operado na arena da museologia com o objetivo claro de incorporar a deficiência e as histórias das pessoas com deficiência na consciência pública de todos os cidadãos? Que potencial têm a coleções dos museus para contribuir para a cultura da deficiência, empoderando e fortalecendo identidades que foram socialmente oprimidas ao longo dos tempos?

Nem sempre os objetos dos museus são explorados a partir da sua própria história, acabando por serem usados, na maioria dos casos perifericamente como acessórios da narração de uma outra história. No entanto, cada objeto que se encontra preservado num museu possui um potencial epistemológico e uma narrativa particular muitas vezes inexplorada e, em grande parte, não revelada. No caso da deficiência, os objetos que se relacionam com o tema oferecem oportunidades para explorar temas nunca antes abordados em espaço museológico, proporcionando olhares múltiplos sobre o património. Neste sentido, este capítulo espera suscitar um espaço de reflexão e debate em torno do estudo da deficiência, sua história e cultura, despertando novas ideias no sector académico e patrimonial sobre o modo como a deficiência se pode tornar mais visível nas narrativas que se produzem publicamente.

1.2. ANALIZANDO A ESTATUETA DE VULCANO

O presente capítulo irá analisar a “Estatueta de Vulcano” do século I d.C – época romana, um bronze figurativo da coleção do Museu Nacional de Arqueologia, em Portugal, por se tratar de um objeto que representa um deus romano com uma deficiência física, marcando simbolicamente uma possível trajetória no modo como o corpo atípico foi considerado na cultura ocidental desde a antiguidade clássica até à contemporaneidade. Neste perspectiva, o objeto será analisado nos modos como a relação da deficiência com o património cultural tem sido marcada, fundamentalmente, por representações estereotipadas e ideológicas contextualizadas dentro de uma lógica opressora e discriminatória.

Assim mesmo, a análise da “Estatueta de Vulcano” irá basear-se na ideia de que a compreensão mais completa dos contextos originais e posteriores de cada objeto permitem experiências mais ricas organizadas tematicamente, nomeadamente, sobre a deficiência, possibilitando uma aplicação específica das práticas interpretativas museológicas em torno de ideias relacionadas com a diversidade humana. Na maioria dos casos, os objetos de museus acabam por serem usados periféricamente como acessórios da narração de uma outra história e não como foco de uma história em si mesma. No entanto, cada objeto de museu possui um potencial epistemológico e uma narrativa particular muitas vezes inexplorada e, em grande parte, não revelada. Caso disso é a “Estatueta de Vulcano” que apresenta um sentido gramatical ativo e promissor na confluência entre o objeto e o sujeito, abrindo novas possibilidades de abordagens mais criativas onde novas ideias possam ser geradas a partir de construções subjetivas e conjuntas que contribuam para a formação sólida de uma cultura da deficiência.

2. OBJETIVOS

2.1. FORJANDO IDENTIDADES E SIGNIFICADOS MAIS POSITIVOS

O presente capítulo tem como principal objetivo contribuir para o desenvolvimento de novas identidades e significados mais positivos em

torno da deficiência. Especificamente, será desenvolvido em torno dos seguintes objetivos:

- Clarificar o modo como o significado social da deficiência tem sido construído através do património cultural.
- Contrariar os estereótipos que habitualmente estão associados às representações da deficiência no património ao longo dos tempos.
- Contribuir para a construção de uma cultura da deficiência baseada na herança histórico-cultural.
- Explorar novas possibilidades de interpretar a deficiência nos objetos das coleções dos museus.

3. METODOLOGIA

Tendo estes objetivos específicos em linha de conta foi utilizada uma metodologia de análise discursiva, através da abordagem de textos escritos e de imagens visuais em torno do “Estatueta de Vulcano”. Foram analisadas, nomeadamente, as imagens visuais e os textos descritivos apresentados no inventário on-line Matriznet²⁵. O Matriznet é uma plataforma *web* supervisionada pela Direção Geral do Património Cultural (DGPC), uma instituição do Estado português responsável pela gestão do património cultural em Portugal continental. O Matriznet é um inventário coletivo, sendo um dos maiores repositórios de informação sobre as coleções dos museus portugueses. O Matriznet permite fazer pesquisa nas coleções dos museus portugueses de diferentes naturezas e épocas, de forma transversal por tema, por autor, por período cronológico, por tipo de coleção ou por museu, mediante três formas de pesquisa: simples, orientada e avançada. É, por isso, um importante instrumento de trabalho para profissionais dos museus, investigadores e estudantes.

²⁵ (Cf. www.matriznet.dgpc.pt)

Segundo Moraes e Galliazzi (2006, p. 122) a análise textual discursiva é um método de abordagem exploratória de natureza qualitativa, versando sobre a análise do conteúdo e análise do discurso. O envolvimento com a análise textual discursiva irá implicar ruptura com o paradigma dominante de ciência, fundamentado na suposta verdade, objetividade e neutralidade, exigindo-se do pesquisador mergulhar no seu objeto de pesquisa, para assumir-se enquanto sujeito das suas próprias interpretações.

É a conexão entre conceitos e linguagem que permite *referir-mos* ao mundo “real” dos objetos, sujeitos ou acontecimentos, ou ao mundo imaginário de objetos, sujeitos e acontecimentos fictícios.

Assim, segundo Hall (2016, p. 37), existem dois processos, ou seja, dois sistemas de representação envolvidos. Primeiro, há o “sistema” pelo qual toda a ordem de objetos, sujeitos e acontecimentos faz correspondência com um conjunto de conceitos ou representações mentais. Neste sentido, o significado acaba por depender de um sistema de conceitos e imagens formados nos nossos pensamentos que podem “representar” ou se relacionar como parte do mundo real. Este sistema possibilita a realização de referências tanto de dentro, quanto para fora da nossa mente. Já a linguagem pode-se considerar como sendo um segundo sistema de representação envolvido no processo global de construção do sentido. A existência de linguagens comuns (signos) confere a possibilidade dos pensamentos (conceitos) serem traduzidos em palavras, sons ou imagens, para depois serem usados, enquanto linguagem, expressando sentidos e comunicando pensamentos a outras pessoas.

Relativamente à “Estatueta de Vulcano” a linguagem textual apresentada no inventário on-line Matriznet desenvolve-se a partir de uma descrição pormenorizada do objeto, bem como uma nota explicativa sobre a sua utilização de origem na época em que foi criado: trata-se de um bronze figurativo, representando uma divindade com o objetivo de ornar altares domésticos. No que diz respeito à descrição física do objeto o texto do inventário refere tratar-se de uma figura

“masculina barbada, com gorro e avental de ferreiro, sentada. (...) O corpo apresenta ligeira torsão, imprimindo movimento e realismo. A cabeça encontra-se virada para a direita e boca ligeiramente aberta. O braço direito pendendo ao longo do corpo e o esquerdo projetado para diante (...) Tem o pé direito em posição de apoio e a perna direita está fletida para trás. As vestes estão presas apenas no ombro direito, chegam até aos joelhos e o calçado parece ser de tiras. (...) Com alguma reserva parece tratar-se de imã representação do deus Hephaistos / Vulcano (...) o deus artesão, ferreiro e ourives (...). Trata-se, então, de uma representação canônica da divindade que foi bastante popular durante os séculos I e II. (in <http://www.matriznet.dgpc.pt/>)”

O texto do inventário, refere, ainda, a história da sua incorporação no Museu Nacional de Arqueologia, dizendo tratar-se de um objeto

“encontrado por um pescador de Sesimbra, preso nas redes, durante a faina a leste da fortaleza de Santiago” que após diversas conversações foi entregue ao Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico tendo entrado no Museu no ano de 1996” (in <http://www.matriznet.dgpc.pt/>).

No que diz respeito à linguagem visual da “Estatueta de Vulcano”, o inventário on-line Matriznet apresenta duas imagens do objeto – uma frontal e outra de perfil - que expressam visualmente a intenção do seu autor em criar uma figura masculina assimétrica sentada em cima de um banco. O lado direito da figura contorce-se para esse mesmo lado, tendo a cabeça virada, o braço para baixo com o punho fechado, e a perna ligeiramente fletida com o pé apoiado no suporte do banco. Já o lado esquerdo apresenta o braço ligeiramente levantado com o punho aberto. A perna encontra-se posicionada ligeiramente para a frente e o pé está bem assente no chão. O banco encontra-se inclinado para trás, assente em três pernas – as da frente ligeiramente mais compridas em relação à de trás.

FIGURA 1. Imagem frontal do objeto “Estatueta de Vulcano” publicada no site do inventário on-line Matriznet.



Fonte: <http://www.matriznet.dgpc.pt/>

FIGURA 2. Imagem de perfil do objeto “Estatueta de Vulcano” publicada no site do inventário on-line Matriznet.



Fonte: <http://www.matriznet.dgpc.pt/>

Comparando a linguagem textual e visual do objeto verifica-se que o texto interpretativo da ficha do inventário, desenvolvido por um profissional do museu, ignora as características físicas relacionadas com a sua assimetria. Igualmente, a história de Vulcano relacionada com a sua deficiência física é ocultada na secção referente à sua biografia. Na verdade, trata-se de um texto bastante rico e completo, mas que explora apenas um olhar sobre o objeto. Efetivamente, a história da deficiência ficou por contar, negligenciado a potencial expressivo do objeto para explorar este tópico.

4. RESULTADOS

Vulcano (da época romana) ou Hephaistos (da época grega), para além de serem deuses popularmente conhecidos como sendo “artesão, ferreiro e ourives” – tal como evoca o texto descritivo do inventário on-line Matriznet, foram também popularmente conhecidos como sendo deuses “coxos”, tendo uma perna mais curta em relação à outra e por isso fisicamente disformes. Na história da mitologia romana, a característica física de Vulcano é considerado como sendo a causa de uma profunda vergonha, opondo-se ao ideal coletivo de um corpo não-normativo no imaginário mental da época. E esta situação terá tido mesmo como consequência a sua expulsão do Olimpo pelos seus próprios progenitores, Hera e Zeus. Também o seu matrimónio com a deusa do amor Afrodite não resultou por ter um corpo atípico, não correspondendo ao ideal de beleza física da época que permitisse manter o seu casamento com uma mulher.

Como referido, esta sua característica encontra-se também presente na representação física da Estatueta de Vulcano. A ligeira torsão do tronco, a perna direita fletida para trás, não são mais do que evidências de quem produziu este objeto na época romana, pretendia representar a figura de Vulcano com a sua característica física de um corpo não-normativo. Neste sentido, a ausência desta informação no texto descritivo do inventário remete-nos para a questão da invisibilidade social, uma problemática profundamente relacionada com a condição da deficiência. A invisibilidade social é, no fundo, o desprezo de quem pertence à maioria tem por aquele que pertence a uma minoria - e que é estigmatizado. A invisibilidade social dá-se através da ocultação do *outro*, tornando-o numa alteridade invisível.

No património, a invisibilidade social dá-se através da negação de narrativas da deficiência sobre objetos que representam a deficiência mas que nem sequer se reconhece a sua relação com o tema. E quando isto acontece é, na verdade, uma forma de se contribuir para o apagamento de histórias e de memórias ligadas à deficiência, uma forma de desconstruir e invalidar essa mesma cultura.

Por outro lado, a relevância da “Estatueta de Vulcano” para os estudos do património cultural e das identidades sociais relaciona-se, também,

com o facto de marcar uma possível trajetória histórica nos modos como o corpo humano atípico se encontra enquadrado dentro da imaginação cultural do mundo ocidental, ainda que se compreenda uma série de registos diferenciados sobre a deficiência ao longo dos tempos. Efetivamente, a génese da cultura opressora e discriminatória perante a deficiência verifica-se já no contexto cultural desde a antiguidade grega, cuja influência foi preponderante na construção do pensamento base da cultura ocidental que persiste ainda hoje. Na verdade, o mito de Hefesto pode ser considerado, como referiu Pedrazza (2010), não mais que o representante paradigmático da expressão sublimada da exclusão que se praticava na Antiga Grécia, como também, o patrono inaugural dos modos de opressão, exclusão e discriminação da deficiência ao longo dos tempos, apresentado um deus que, por ter um corpo atípico, é expulso do Olimpo pelos seus progenitores, para além de não conseguir manter o seu matrimónio com a sua mulher.

De facto, é no contexto da sociedade ocidental e ao longo das diferentes épocas, que a relação entre a deficiência e o património cultural é, sobretudo, marcada por representações estereotipadas e ideológicas enquadradas dentro de uma lógica opressiva e discriminatória, em que a deficiência é expressa através do desenvolvimento representativo de conceitos de vulnerabilidade, fragilidade e dependência. São essas representações que irão contribuir para formar o significado social da deficiência, gerando interpretações negativas sobre as pessoas com deficiência. Consequentemente irão influenciar o modo como as práticas sociais em torno da deficiência são desenvolvidas no nosso dia-a-dia (Barnes e Mercer: 2010), atuando de acordo com a perspetiva de Hall sobre o processo de representação do *outro*. Neste sentido, os valores compartilhados da linguagem produzidos por meio de conceitos, imagens, ideias ou sentimentos irão levar à produção de um significado num determinado espaço e tempo sobre a deficiência. Será esse significado que irá influir como parte constituinte de um circuito cultural, exercendo relações poder, limitando comportamentos, desenvolvendo e formando identidades, assim como, as vias pelos quais certos assuntos são transmitidos, representados ou exercidos (Hall: 1997, p.223). No caso particular da deficiência, a identidade das pessoas

com deficiência, sua transmissão, representação e prática foi desenvolvida a partir de um sistema representacional hierárquico imposto sobre a alteridade do sujeito singular pertencente a uma minoria “deficiente”, por uma maioria superior “não deficiente”. Assim mesmo, a identidade social das pessoas com deficiência não se desenvolve autonomamente por elas mesmas, ao invés, é formada por considerações negativas ao redor da “diferença” por parte do coletivo social majoritário, contribuindo para a opressão, marginalização e exclusão de uma minoria social com deficiência. Neste sentido, como esclarece Ferreira, a identidade das pessoas com deficiência é, acima de tudo, uma “não-identidade” (Ferreira: 2007, p. 6).

5. DISCUSSÃO

Nos últimos anos, a problemática da representação do *outro* tem sido reconhecida na academia tanto por parte de investigadores da arena da deficiência como da museologia. Também, cada vez mais, se tem considerado que os objetos do passado que constituem as coleções dos museus são relevantes para a sociedade atual.

Dudley (2012) considerou que ao se colocar o foco nos objetos das coleções no centro da prática em museus irá gerar novas relações entre o objeto e o sujeito, permitindo estabelecer experiências museológicas mais ricas entre a cultura material e a vida quotidiana. O foco nos objetos permite explorá-los tematicamente e não, apenas, como uma trajetória histórica, centrando-se nos seus contextos originais e posteriores. Os engajamentos ativos entre pessoas e “coisas” são tão completos, materiais e sensoriais quanto ricos em possibilidades, fortalecendo as formas como os visitantes dos museus são capazes de se ligar com as pessoas, histórias e emoções do passado.

Herle (2012), considerou que o museu ao ser um lugar de encontro intercultural e de diálogo criativo, deve desenvolver uma abordagem mais inclusiva e multidimensional em torno dos objetos das coleções para explorar os seus múltiplos significados, bem como os processos complexos relacionados com a sua produção e interpretação. Oferece, também, uma oportunidade aos museus para o desenvolvimento de

projetos co-produtivos com as comunidades, como neste caso seria a comunidade de pessoas com deficiência.

Também Semedo (2019, p. 153), procurando compreender os desafios implicados no conceito de autoridade curatorial em museus, argumentou que as dinâmicas de poder e as políticas de representação dos museus não são nem naturais, nem inocentes, baseando-se em sistemas de valores codificados em narrativas institucionais. A autora refere que o museu moderno atua como se uma fosse uma espécie de “moldura” que liga o mundo social ao mundo material, afirmando e enquadrando o seu posicionamento sobre aquilo que considera ser história, cultura e património. Neste sentido, considera que os dispositivos de enquadramento (histórico, patrimonial e cultural) utilizados nas práticas museológicas, nomeadamente, os inventários, os repositórios pedagógicos, a curadoria e o design de exposições, são fundamentais para o aprofundamento da natureza do conhecimento que os museus produzem sobre os objetos e as coleções.

Neste sentido, existem algumas questões que importam ser discutidas:

- Porque razão as questões da deficiência em museus centram-se habitualmente e somente nos aspetos relacionados com o acesso físico e comunicativo dos públicos com deficiência?
- Porque razão o acesso às histórias da deficiência, o trabalho criativo ou de temas relacionados com deficiência tem sido fortemente descurado nas práticas atuais da museologia?
- Porque razão o tema da deficiência não tem sido visto como um importante aspeto da história, identidade e cultura humana, fracassando na sua transmissão e interpretação pública?
- Que cultura e identidades da deficiência têm sido produzidas em museus?
- Que função podem ter os objetos dos museus para contrariar esta tendência de sub-representação e desqualificação social da deficiência?

Desde o início do século XXI, a arena da deficiência tem sido objeto de estudo de diversos académicos das ciências sociais e humanas, tais como a filosofia, a história, a história da arte, a antropologia, a etnologia, os estudos religiosos, a comunicação social e a museologia, entre outras, contribuindo para a compreensão mais abrangente deste assunto na sociedade, através de disciplinas que aparentemente nada têm a ver com o tema. Até então, o estudo da deficiência era dominado pelas ciências da medicina, psicologia, educação e política social.

Já em 1994, Shakespeare (1994) dedicou-se a analisar o modo como as pessoas com deficiência eram representadas culturalmente no teatro, literatura, artes visuais, cinema e comunicação social, considerando que as suas representações eram baseadas em estereótipos. Mais tarde, outros estudos relevantes surgiram na academia discutindo as implicações culturais do significado social da deficiência, nomeadamente, os de autoria de Davis (2006), Garland-Thomson (1996), McRuer (2006), Snyder (2006), Shildrick (2012), Siebers (2010).

Em 2017, o estudo de Waldschmidt defendeu a necessidade da abordagem da deficiência ser desenvolvida através de um modelo cultural, sublinhando a relevância dos estudos culturais para a análise deste tema. Segundo a autora, o modelo cultural da deficiência oferece conhecimento essencial sobre os legados, trajetórias, mudanças da sociedade e cultura na interação entre a *normalidade* e a *deficiência*. Neste sentido, este modelo não considera a deficiência como uma *tragédia pessoal* - como aconteceu no modelo médico dos anos sessenta, nem como um efeito de discriminação e de exclusão - como aconteceu no modelo social dos anos oitenta, reconhecendo que a deficiência é social e culturalmente construída (Waldschmidt: 2017, p. 24).

Também na museologia, diversos estudos surgiram sobre a problemática da representação da deficiência em museus, como por exemplo, os de Delin (2002), de Tooke (2006) e de Martins (2018), defendendo a ideia de que o modo como a deficiência tem sido representada no património histórico e artístico é fundamentalmente negativa. Ao mesmo tempo, estes estudos direccionaram o potencial das coleções dos museus para explorar o tema da deficiência como via possível para questionar os

significados culturais produzidos continuamente, ainda que na sua generalidade seja continuamente negligenciado nas políticas e práticas museológicas.

6. CONCLUSÕES

O envolvimento de académicos, profissionais e ativistas da deficiência na problematização do significado cultural das deficiência tem afirmado uma certa resistência aos padrões e práticas na representação da deficiência em museus, resultante, em parte, na tentativa por garantir o acesso mais frequente à história pública da deficiência e aos trabalhos criativos de artistas e curadores com deficiência. A “Estatueta de Vulcano” é um objeto de museu, por excelência, que estabelece um posicionamento político e prático, socialmente comprometido com a emancipação das pessoas com deficiência. Ao mesmo tempo, direciona o poder autoritário dos museus e das barreiras institucionais que muito têm impedido o acesso a temas da história, identidade e cultura da deficiência da memória pública humana. De facto, este objeto é um exemplo concreto de como a deficiência faz parte do património histórico e cultural de todos, explorando aspetos da diversidade humana e o modo como a deficiência pode abrir novas possibilidades estéticas à arte, à curadoria de exposições e à interpretação das coleções.

Analisar a “Estatueta de Vulcano” é, ao mesmo tempo, uma forma de incitar a museologia a refletir sobre a sua própria função na arena da deficiência, pois, efetivamente, as questões da deficiência têm sido habitualmente subordinadas às questões do acesso físico, comunicativo e atitudinal - algo que todas as pessoas com deficiência têm direito, ainda que raramente lhes seja concedido. Tal função, passa pelo desenvolvimento de um novo modelo cultural da deficiência conferindo à museologia uma oportunidade para contribuir significativamente para a reconfiguração social do conceito da deficiência. Se por um lado, as narrativas da deficiência que atualmente se encontram presentes nos museus são aquelas que se enquadram dentro do conceito de “museu moderno autoritário”, reconhecendo e afirmando algumas identidades e omitindo outras, formando conhecimento e disciplinando práticas

sociais e culturais de expor (Semedo: 2019, p.153). Por outro lado, as políticas institucionais e práticas profissionais de inventariar, expor e de desenvolver repertórios pedagógicos, produzindo novos conhecimentos sobre objetos e coleções, poderão ser uma estratégia para a problematização das narrativas da deficiência que prevalecem nos museus, questionando estereótipos negativos, rejeitando o conceito de *normalidade* e incitando o orgulho na identidade cultural da deficiência (Sturm: 2017, p. 122). Neste sentido, a “Estatueta de Vulcano” remete-nos para a importância do conceito de “museu pós-moderno”, “crítico, interrogativo, ativista e ético” (Semedo: 2019, p.157), “assumidamente político e de ação” (Semedo: 2019, p. 158), propondo novos olhares e modelos de abordar a desqualificação social desenvolvida no património ao longo dos tempos ao redor da deficiência. Tal ideia de museu torna necessária a promoção de novos diálogos e de novas parcerias com e dentro da comunidade de pessoas com deficiência que se tornem mais eficazes na construção e transmissão da sua identidade coletiva.

A “Estatueta de Vulcano” reconhece os benefícios que a deficiência pode trazer à própria arena da museologia, mais especificamente, no que se refere às suas práticas profissionais e políticas de atuação. Efetivamente, os objetos das coleções que representam a deficiência são testemunhos poderosos do modo como a deficiência foi interpretada no passado, relacionando-se com o presente, mas, também, com o futuro, pela sua capacidade de suscitar importantes reflexões sobre a atualidade, como a coesão e justiça social. Estes objetos são, assim, uma fonte de conhecimento, de inspiração e de orgulho, oferecendo oportunidades enriquecedoras aos museus para diversificarem os seus públicos e as histórias que apresentam publicamente. Os museus que explorem temas das suas coleções que foram frequentemente negligenciadas no passado, mais facilmente poderão aumentar qualitativamente a participação e o envolvimento dos seus públicos, assegurando o seu significado social a longo prazo, explorando factos e compreensões sobre a história da humanidade que fazem parte da agenda atual (Museums Association, 2020, p. 3). Os objetos das coleções que representam a deficiência poderão ser uma razão para os museus renovarem as suas exposições, a linguagem e os seus textos interpretativos, muitas vezes já ultrapassados

por novas teorias e conceitos sobre a deficiência. Estas atualizações poderão ser geradas a partir de projetos coprodutivos, desenvolvidos colaborativamente com a comunidade das pessoas com deficiência, contribuindo, também, para a criação de modelos inovadores de empoderamento dos seus públicos, aproximando as pessoas com deficiência e museus, explorando questões de lugar e de identidade.

Em suma, os objetos das coleções dos museus relacionados com a deficiência têm um potencial enorme para os museus demonstrarem a sua relevância social, proporcionando reflexões sobre importantes questões da atualidade, como a inclusão, igualdade e justiça social. Quer através de exposições ou através de atividades de mediação patrimonial, poderão ser criadas oportunidades que levem à desestabilização das representações dominantes da deficiência.

As narrativas da deficiência podem ser uma oportunidade para o desenvolvimento de histórias mais positivas que possam se tornar parte da identidade das pessoas com deficiência e que contrariem o modelo da tragédia pessoal, a isolamento e o estigma social que lhes está associado. Explorar a deficiência nas práticas museológicas é, na verdade, uma estratégia para a rejeição de estereótipos negativos, contrariando ideias convencionais de normalidade, promovendo o “orgulho da deficiência” o “mérito no incomum” ou a beleza no atípico (Sturm: 2017, p. 122). Cada pessoa tem um ponto de vista único, construído como resultado do seu contexto e experiência de vida. Ao serem promovidas diversas vozes perante o mesmo objeto artístico, enquadrado no seu contexto histórico e cultural, não esquecendo a intenção do seu autor, podem ser valorizados novos olhares, mais positivos, sobre a deficiência contribuindo assim, para o desenvolvimento da cultura da deficiência.

7. AGRADECIMENTOS/APOIOS

Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Portugal) / Refª 2020.01154.CEECIND.

8. REFERÊNCIAS

- Barnes, C., Mercer, G. (2010). Exploring disability. A sociological introduction. Polity Press.
- Davis, Lennard J. (2006) Introduction. Em The Disability Studies Reader. L. J. Davis (Ed.) (pp. XV-XVIII). Routledge.
- Dudley, S. (2012). Encountering a Chinese horse: engaging with the thingness of things. Em S. Dudley (Ed.), Museums Objects. Experiencing the Properties of Things, (pp.19 - 22). Routledge.
- Ferreira, M. A. V. (2007): Prácticas sociales, identidade y estratificación: três vértices de un hecho social, la discapacidad. Intersticios – Revista Sociológica de Pensamiento Crítico, 1(2), 1-14.
- Garland-Thomson, R. (1996). Freakery Cultural Spectacles of the Extraordinary Body. New York University Press.
- Hall, S. (1997). Representation Cultural Representations and Signifying Practices. Gage publications.
- Hall, S. (2016). Cultura e representação. Trad. Daniel Miranda e William Oliveira. Ed. PUC-Rio.
- Herle, A. (2012). Objects, agency and museums: continuing dialogues between the Torres Strait and Cambridge. Em S. Dudley (Ed.), Museums Objects. Experiencing the Properties of Things (pp. 295 - 310). Routledge.
- Majewski, J., Bunch, L. (1998). The Expanding Definition of Diversity: Accessibility and Disability Culture Issues in Museums Exhibitions. Curator, 41(3), 153-160.
- Martins, P.R. (2018). The Representation of Disability in DGPC Museums Collections: Discourse, Identities and Sense of Belonging. Em P. R. Martins, A. L. Semedo, C. F. Camacho (Eds.), Representing Disability in Museums. Imaginary and Identities (pp.13-33). CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória.
- McRuer, R. (2006). Crip Theory. Cultural Signs of Queerness and Disability. University Press.
- Moraes, R., Galliazzzi, M. (2006). Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. Ciência & Educação, 12(1), 117 – 128.
- Museums Association (2020). Empowering Collections 2030. Disponível em: www.museumsassociation.org (Consultado em 3 de janeiro 2023).
- Pedraza, F.P. (2010). Las concepciones sociales de la discapacidad como producciones de la racionalidad práctica en la cultura y los sentimientos. Tempora, 13 (diciembre), 89 – 109.

- Semedo, A. (2019). Questões de Autoridade e Educação em Museus. Em A. G. Magalhães (Org.), Anais do 3º Simpósio Internacional de Pesquisa em Museologia: o futuro dos museus e os museus do futuro, (pp.151-168). Universidade de São Paulo e Museu de Arte Contemporânea.
- Shakespeare, T. (1994). Cultural Representation of Disabled People: Dustbins for Disavowal?. *Disability & Society*, 9(3), 283-299.
- Shildrick, M. (2012). Critical Disability Studies: Rethinking the Conventions for the Age of Postmodernity. Em N. Watson, A. Roulstone, C. Thomas, (Eds.), *The Routledge Handbook of Disability Studies*, (pp.20-41). Routledge.
- Siebers, T. (2010). *Disability Aesthetics*. University of Michigan Press.
- Sturm, S. (2017). The Experience of Pain, Disability Identity and the Disability Rights Movement. Em H. Berressem, M. Ingwersen, A. Waldschmidt (Eds.), *Culture – Theory – Disability. Encounters between Disability Studies and Cultural Studies* (pp. 122-129). Transcript Verlag.
- Snyder, S. L., David T. M. (2006). *Cultural Locations of Disability*. University of Chicago Press.
- Tooke, J. (2006). *Hidden Histories: Discovering Disability in Norwich's Museum Collections*. Norfolk Museums & Archaeology Service.
- Waldschmidt, A. (2017). Disability Goes Cultural. The Cultural Model of Disability as an Analytical Tool. Em H. Berressem, M. Ingwersen, A. Waldschmidt (Eds.), *Culture – Theory – Disability. Encounters between Disability Studies and Cultural Studies* (pp. 19-27). Transcript Verlag.